

Narciso

António Manuel Ferreira

Universidade de Aveiro
antonio@ua.pt

O mito de Narciso, segundo a minha interpretação, tem que ver, fundamentalmente, com o espaço. Narciso é castigado, porque perdeu espaço. O espaço do eu, que se atrofia; o espaço do outro, que deixou de existir; e o espaço físico na sua mais banal materialidade. Olhando-se, Narciso não vê nada.

Todos os grandes mitos da cultura greco-latina são atualíssimos. Sísifo, Prometeu, Tântalo, entre muitos outros, são nossos contemporâneos. Mas, no século XXI, o mito de Narciso talvez seja o que melhor nos retrata.

A questão dos telefones inteligentes e das redes sociais é demasiado óbvia. Interessa-me mais o problema espacial. As redes sociais expandem-nos o território de uma forma que nunca havíamos conhecido; mas, ao mesmo tempo, nunca o lugar do humano foi tão reduzido. Hoje, olhamos e não vemos; ouvimos e não escutamos; falamos e não conversamos. E tudo isto acontece mesmo quando estamos entre amigos.

Esta é a versão negativa de Narciso. Mas há outra, mais construtiva. O narcisismo também ajuda a estruturar e manter a identidade. E, transformado em lugar habitável, o espaço ganha em ser reduzido. Ser narcisista pode ser uma forma de resistência à falsificação, à mentira como moeda social, ao humanismo hipócrita e anacrónico que o poeta-filósofo Alberto Caeiro denunciou com acerada lucidez. O guardador de rebanhos não tinha rebanho; tinha-se a si, no mundo. E não prejudicava ninguém, com espúrias promessas de humanidade. O princípio básico da filosofia de Alberto Caeiro consiste na necessidade de aprender a desaprender. Hoje, o homem já não é o centro do mundo; por isso, talvez seja importante rever palavras como “humano”, “humanismo”, “humanização”. Narciso era desumano? Talvez sim. E isso é mau? Talvez não: desumanos são os animais, as árvores, os deuses, as crianças que ainda não foram contaminadas pela hipocrisia gregária.

Precisamos cada vez mais de regressar ao centro de nós mesmos, como indivíduos e como comunidade. E de fazermos perguntas a partir daí. Porque a nossa vida é irrepetível.

Por tudo isto e muito mais, o grupo de investigação a que pertenço, intitulado “Mitografias: temas e variações”, tem levado a cabo, na Universidade de Aveiro, uma série de Congressos Internacionais, que têm, como objetivo principal, repensar os mitos fundadores que alicerçam a nossa cosmovisão. E esses mitos

têm que ver com o magma ético-moral que estrutura a cultura ocidental, quer se trate dos dilemas inscritos na literatura e na filosofia greco-latinas, quer se trate das esperanças soteriológicas judaico-cristãs transmitidos pelos textos bíblicos.

Assim, o projeto “Mitografias” vem prosseguindo um percurso de investigação, que sempre nos pareceu de grande proveito científico para a Universidade de Aveiro, colocando o DLC na rota da pesquisa internacional. Uma prova dessa internacionalização foram os quatro congressos temáticos já realizados: em 2015, “Caim e Abel: família e conflito”, em 2016, “Exodus: migrações e fronteiras”, em 2017, “Terra Prometida: mitos de salvação”, em 2018, “Arca de Noé: catástrofe e redenção”. Nos anos vindouros, continuaremos nesta senda de estudo aprofundado, publicando os seguintes volumes temáticos: “Torre de Babel: alteridade e estereótipos”; “A fúria de Aquiles: as faces da guerra”; “Job: justiça e sofrimento”; “Antígona: liberdade e opressão”.